

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT01.104

# REFLEXÕES SOBRE A SAÚDE DO TRABALHADOR DA EDUCAÇÃO: COTIDIANO ESCOLAR, DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Cicera Maria Mamede Santos<sup>1</sup>

Idalina Maria Sampaio da Silva Feitosa Dias<sup>2</sup>

William Ferreira Carvalho<sup>3</sup>

Francione Charapa Alves<sup>4</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo, refletir sobre a saúde dos profissionais da educação, em especial dos professores que trabalham na Educação Básica. Para realização desta pesquisa, partimos da seguinte questão central: Como o cotidiano escolar, através das vivências e atividades na sala de aula, interferem na saúde dos profissionais da educação? Este tema em destaque se faz necessário, diante do referencial teórico estudado e da perspectiva em trazer à tona, quais situações podem ser consideradas enquanto “gatilhos” que possam conduzir ao adoecimento físico ou psíquico dos professores que estão em sala de aula. Para este trabalho realizamos pesquisa de campo, além da pesquisa bibliográfica e documental. Para desempenhar as atividades em sala de aula, faz-se necessário que os professores disponham além da infraestrutura necessária, do suporte e apoio do Núcleo Gestor, em especial, da Coordenação Pedagógica. A saúde dos profissionais em educação é assunto que merece discussão e amplo debate. Os resultados apontam para a necessidade de

1 Doutoranda pelo Curso de Doutorado em Educação da Universidade Estadual do Ceará - CE, [cicera.mamede@aluno.uece.br](mailto:cicera.mamede@aluno.uece.br);

2 Mestre em Ensino e Formação Docente pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFCE) - CE, [idalinamariasampaio@gmail.com](mailto:idalinamariasampaio@gmail.com);

3 Especialista do Curso em Logística Empresarial da Faculdade Unyleya - RJ, [william\\_f\\_c@msn.com](mailto:william_f_c@msn.com);

4 Doutora pelo Curso de Doutorado em Educação da Universidade Federal do Ceará - CE; [francione.alves@ufca.edu.br](mailto:francione.alves@ufca.edu.br)

um espaço dialógico, crítico e realista, no qual os professores sintam-se acolhidos, com suporte psicológico e apoio psicopedagógico, para os alunos. Consideramos pertinente apontar proposições referentes a ações que possam beneficiar os trabalhadores da educação, com vistas a sua qualidade e saúde em sala de aula. Pontua-se também a necessidade de um setor administrativo que possa agregar um espaço terapêutico, de escuta e acolhida aos professores.

**Palavras-chave:** Saúde do Trabalhador, Docência, Cotidiano Escolar.

## INTRODUÇÃO

Investigar sobre a saúde da classe trabalhadora a partir das suas condições de labuta é algo importante para se entender como acontecem os processos de inserção e permanência no mundo do trabalho com qualidade de vida.

Várias são as questões sociais que interferem e amplificam o aumento de doenças ocupacionais na população trabalhadora em geral na atualidade. E através desta fala damos destaque e recortamos para uma análise mais aprofundada e direcionada para o presente estudo, a classe de trabalhadores profissionais da educação

Refletir sobre a saúde dos profissionais da educação é algo de extrema relevância para os dias atuais, pois muitos são os desafios enfrentados por estes sujeitos, com inúmeros fatores que dificultam e interferem de forma negativa na ação dos mesmos no ambiente escolar e acarretam a estes sérios danos à sua saúde física, psíquica e emocional.

As reflexões suscitadas, a partir do referencial teórico estudado para os desenvolvimentos da presente pesquisa, convida-nos a refletir sobre as contradições existentes no cotidiano do trabalho docente, seus desafios, dificuldades e as implicações para com a saúde do professor. Pensando assim trazemos a contribuição de Silva (2015), afirmando que:

Desde o início os caminhos da educação enquanto instituição foram pautados pelos interesses, ora do Estado, ora da Igreja e, em seguida, a Educação, passa a atender aos interesses do mercado. Neste movimento a sociedade brasileira se configurou como espectadora de uma realidade social, fruto da influência e manipulação política de um processo histórico, que logo se tornou cultural. (SILVA. 2015, p. 14295)

Partindo das reflexões surgidas através do referencial teórico levantado para este estudo, iniciamos as discussões afirmando que o trabalho desempenhado pelo sujeito educador sofre interferências das dimensões social, política, econômica, cultural e histórica e todas essas causam impactos em sua vida profissional e pessoal.

O presente trabalho que se configura como uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfica e documental, apresenta como objetivo primordial refletir sobre a saúde dos profissionais da educação, em especial dos professores que trabalham na Educação Básica, com intuito de trazer discussões pertinentes e

necessárias, que surgem como anúncios e denúncias e a respeito das condições de trabalho dos sujeitos docentes e como estas interferem de forma negativa na saúde dos mesmos, assim como na sua atuação em sala de aula junto aos seus educandos.

O cotidiano da sala de aula é permeado por atividades em que o cognitivo está inserido e se faz presente através dos afetos, desafetos, conflitos, etc. O conhecimento não se apresenta no “vácuo”, para que tenha significado é necessário ações conjuntas e integrativas realizadas pelos docentes, discentes, gestão escolar, apoio familiar e comunitário. É uma associação necessária, para que as trajetórias sejam respeitadas, cumprindo-se o papel social que a escola deve desempenhar. (Nóvoa, 2009).

Quando os papéis não estão bem definidos e o discurso diverge das realidades em termos estruturais, legais, governamentais, simbólicos etc., as inquietações, discordâncias e desconfianças, começam a tomar proporções sem limites, afetando o docente nas suas atividades, no seu íntimo, nas relações com a sociedade. Esta situação de acordo com os estudos acerca da História da Educação, em especial do Brasil (Saviani, 2011), é notória e tem alicerces bem organizados para que o *status quo* não seja alterado.

Quando houve a massificação da escola, coincidindo com o processo de industrialização do país, precisava-se de mão-de-obra minimamente especializada. Saber ler e escrever era o suficiente. Na década de 50, tínhamos índices altíssimos de analfabetos. Desse modo, advoga-se a “escola para todos”, todos têm o direito a adentrar este espaço. Discurso muito bonito, em voga até hoje e que conquista muitos votos. (Saviani, 2011).

A questão é a seguinte: ao passo que a sociedade adentra a escola, ocupando as salas de aula, do Ensino Fundamental, Médio e Superior, o conhecimento amplia os horizontes e abrem-se possibilidades de questionamentos acerca da realidade vivida. Uma pessoa com maior compreensão de mundo, vislumbrando maiores oportunidades de emprego, etc. Para que seu voto seja moeda de troca, mercadoria barata, fica mais difícil de ser comprado por um par de sandálias, um saco de cimento, etc. Por esses e tantos outros motivos, a “caça” aos professores ocorre de maneira veloz, organizada por instituições, parlamentares que advogam o direito de interferir na autonomia docente. Ao

assistir recentemente a uma *live* em que o professor Sílvio Almeida<sup>5</sup> falou sobre este assunto; foi possível ver como o professor é atacado em várias vertentes para que se enfraqueça a sua ação pedagógica e transformadora.

Então, o discurso é muito bonito, nenhum governante vai falar que a educação é dispensável. Como a própria UNESCO (2017), afirma:

Os professores são um fundamento essencial da força de longo prazo de todas as sociedades – fornecer a crianças, jovens e adultos o conhecimento e as habilidades que necessitam para realizar seu potencial [...] ser um professor empoderado significa ter acesso a uma formação de alta qualidade, salários justos e oportunidades contínuas para o desenvolvimento profissional. Também significa ter liberdade para apoiar o desenvolvimento dos currículos nacionais – e autonomia profissional para escolher as abordagens e os métodos mais apropriados e que possibilitem uma educação mais efetiva, inclusiva e igualitária. Além disso, significa ser capaz de ensinar em segurança, em tempos de mudanças políticas, instabilidades e conflitos. [...]

O problema é que os discursos são esquecidos, muda-se de opinião com rapidez para entrar nos ditames dos organismos internacionais e nacionais de extrema direita. Desse modo, a contradição mais aparente é no significado do que se diz sobre a escola, sua importância, valorização e, por conseguinte, o que realmente se faz, aplica-se em termos normativos, atitudinais, governamentais para o avanço real, concreto da educação.

As contradições apontadas por Charlot (2008), expressam ações propositivas no intuito de conduzir de forma direta e indireta, o docente a um estado de questionamentos e inquietações constantes. Estas contradições vivenciadas, percebidas, as quais causam tanto mal-estar são frutos de atos muito bem pensados, para que a educação seja dualista: uma escola para formar a elite, outra para formar mão de obra para o mercado de trabalho.

As inquietações são marcas de tantas situações em que não se tem clareza do que fazer, de como agir, e porque agir. São os questionamentos Freirianos muito presentes atualmente. O discurso é: Você tem escola. A pergunta é: Que tipo de escola temos? Para que serve? Quais os reais entraves que nela existem? É preciso ter muito claro, os aspectos históricos da escola pública. Diante disso

5 Participação em Live no canal YouTube Brasil. Conversas que importam, com o tema: O Futuro da Educação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9Q993-eEuu0&feature=youtu.be>

tudo é extremamente importante compreendermos o porquê da aprovação da Emenda Constitucional nº 95<sup>6</sup>, que congela investimentos em educação por 20 anos.

Ao se trabalhar em escolas com infraestrutura precária, ampliam-se as possibilidades do adoecimento, provocando afastamentos constantes e mudanças de funções, ou readaptações. E fatores como por exemplo, salas de aula com espaço reduzido, com pouca ventilação, problemas de acústica, arquitetura, com um calor insuportável, principalmente nos meses de agosto a dezembro; além da aglomeração de alunos nas turmas, impedindo uma maior qualidade no atendimento aos estudantes; acaba levando a um maior desgaste do docente.

Tantas situações conduzem sim, ao adoecimento. Além dos dilemas: “Eu escolhi a profissão certa”? “Você conseguir trabalhar vinte e cinco anos na docência”? Por isso, a importância da formação e desenvolvimento profissional docente, para poder compreender todas as relações de poder presentes na educação.

O professor precisa ter um espaço e tempo para o cuidado da saúde, da voz, das suas relações e escolhas que são realizadas diariamente na sala de aula. É importante um setor de “qualidade de vida” do trabalhador em geral e da educação em especial. Ter um espaço para realizar terapia individual ou grupal, pois lidamos com diferentes realidades, e por isso, é preciso ter estrutura, calma, paciência e compreensão de si, do outro e das relações diárias. Saúde é um conceito amplo e atualmente e neste período pós-pandemia precisa ser levado ainda mais a sério.

Viver a profissão com saúde física e mental, lembrando que somos um todo integrado e cada parte afetada, por uma palavra que nos magoou, que nos feriu, que nos fechou, precisa ser ressignificada, para vivermos bem primeiro conosco, com nossas escolhas conscientes e de lutas.

As contradições estão presentes diariamente em todos os processos existentes no âmbito escolar, assim como em outros espaços formativos. E quando elas forem percebidas, presentificadas, causando-nos mal-estar é a hora de pararmos, olharmos para a nossa trajetória e nos enchermos de força, pois a

6 Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, e dá outras providências. Publicada no Diário Oficial da União, nº 241, de 16 de dezembro de 2016. Seção 1, página 2. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=16/12/2016&jornal=1&pagina=2&totalArquivos=368>

7 Inquietações constantes na minha trajetória docente.

nossa formação e desenvolvimento profissional, alicerçam-nos para olhar por várias janelas, os paradoxos que a profissão forçosamente carrega e muitas vezes nos impõem.

Desse modo é preciso uma teimosia pedagógica bem ao modo Freiriano para a trilha da formação constante, continuada consciente, reflexiva e dialogada, entre os sujeitos partícipes de todo o processo cumprindo a função social que é transformar, transmutar e transgredir.

## METODOLOGIA

O estudo em questão foi pautado numa abordagem qualitativa, que segundo Pope e Mays (2005), a mesma está ligada às vivências dos sujeitos e à interpretação compreendida destes fenômenos sociais. De acordo com esses mesmos autores:

A pesquisa qualitativa (...) está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.) em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa. (POPE; MAYS, 2005, p.13)

Pensando assim, a pesquisa qualitativa aborda as subjetividades dos indivíduos participantes dos estudos, levando-se em conta e interpretando as experiências e vivências dos mesmos.

Nesta mesma vertente de pensamento sobre a pesquisa qualitativa, Minayo (2014, p. 195), também alerta que: “A investigação qualitativa requer, como atitudes fundamentais, a abertura, a flexibilidade, a capacidade de observação e de interação com o grupo de investigadores e com os atores sociais envolvidos.”

É necessário para o desenvolvimento do trabalho investigativo, por parte do pesquisador, uma maior interação com os sujeitos investigados, a fim de que o estudo seja realizado da forma leve e sensível, dando a devida importância aos fatos a serem observados, visando com isso um engrandecimento de ambas as partes envolvidas no trabalho em questão.

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica e documental ela trabalhou com referenciais teóricos que embasaram todo o processo. E para isso Porta (2014, p. 73 -74), afirma que:

É necessário ir além do texto para compreendê-lo, e isso em vários sentidos e de várias formas. É óbvio que toda boa leitura o respeita, pretendendo explicitar o seu sentido sem deformá-lo, sem lhe acrescentar nem subtrair nada. Uma boa leitura, no entanto, não é jamais um mero espelho do texto. Existem diferentes maneiras de “estar no texto”. Há muitas coisas que “estão” nele ainda que não sejam propriamente “ditas” (e, em consequência, não possam ser, em sentido literal, lidas). Elas só são acessíveis na medida em que, distanciando-nos do texto, assumimos uma posição ativa diante dele.

Os vários materiais pesquisados que serviram de referência foram levados em consideração como aportes teóricos que conduziram as linhas de pensamento do estudo em questão, unidos ao processo real e concreto da pesquisa, ligados à temática investigada.

Pensando assim é possível afirmarmos e identificarmos como os estudos bibliográficos nos permitem adentrarmos no universo de diversos estudos e opiniões levantadas a partir dos questionamentos feitos sobre as temáticas pesquisadas, visando um maior aprofundamento sobre elas. Para tanto, Soares e Maciel (2000), apontam que:

As pesquisas de caráter bibliográfico, com o objetivo de inventariar e sistematizar a produção em determinada área do conhecimento (chamadas, usualmente, de pesquisas do “estado da arte”), são recentes, no Brasil, e são, sem dúvida, de grande importância, pois pesquisas desse tipo é que podem conduzir à plena compreensão do estado atingindo pelo conhecimento a respeito de determinado tema – sua amplitude, tendências teóricas, vertentes metodológicas. Essa compreensão do “estado do conhecimento” sobre um tema, em determinado momento, é necessária no processo de evolução da ciência, a fim de que se ordene periodicamente o conjunto de informações e resultados já obtidos, ordenação que permita a indicação das possibilidades de integração de diferentes perspectivas, aparentemente autônomas, a identificação de duplicações ou contradições e a determinação de lacunas ou vieses. (SOARES; MACIEL, 2000, p. 9).

Hoje em dia, felizmente é possível identificar e verificar uma crescente no número de pesquisas, estudos e publicações voltadas a esta temática que traz consigo a preocupação e o alerta sobre as condições de precarização do trabalho docente, que acarretam um movimento de adoecimento do sujeito educador devido a fatores que neutralizam e até minimizam a necessidade de

se enxergar as reais condições de labuta desse indivíduo que é responsável pela condução de processos cognitivos e emancipatórios de seus educandos na e para a sociedade; de certa forma invisibilizando o educador em meio aos desafios existentes na profissão e/ou até mesmo normalizando as problemáticas que ocorrem diariamente no âmbito escolar.

A presente pesquisa de campo foi desenvolvida junto a dez professoras da rede pública municipal da cidade de Barbalha, que atuam na Educação Básica deste mesmo município visando a investigação a respeito de fatores presentes no âmbito escolar que interferem e desencadeiam condições de adoecimento dentre a classe docente nos dias de hoje.

Para garantir o anonimato das docentes, participantes da pesquisa em questão, nomeamos as mesmas com codinomes escolhidos por elas próprias a partir de uma enquete a respeito de quais palavras que para elas poderiam representá-las diante de situações ligadas à sala de aula ou à educação como um todo.

Após esta sondagem com as docentes as mesmas foram nomeadas pelas seguintes palavras: Angústia, Preocupação, Esperança, Alegria, Doação, Força, Vitória, Partilha, Desafio, Renovação.

Um ponto que chamou a atenção na pesquisa foi a escolha dessas palavras para representá-las no estudo. É possível verificar que as mesmas não optaram apenas por palavras de cunho positivo, mas algumas delas fizeram a opção por palavras que expressam sentimentos negativos. E isso reflete um pouco do que elas trazem consigo a respeito da educação e de suas atividades laborais em sala de aula e nos leva a novas indagações e profundas reflexões sobre como os professores enxergam e vivenciam suas atividades docentes.

Ao adentrarmos nas realidades vivenciadas por essas professoras no contexto de suas salas de aula foi possível compreender e enxergar muitos fatores que foram encontrados como pontos de alerta, em relação à questão pesquisada, que devem ser levados em consideração, devido à extrema relevância dos mesmos.

Para o levantamento dos dados da pesquisa foram utilizados junto às docentes partícipes do estudo, questionários semiestruturados, que através destes foi possível vislumbrar pontos importantes que levantaram fortes reflexões a respeito da temática escolhida para este trabalho investigativo, sempre tendo a preocupação de dar vez e voz aos sujeitos com quem a pesquisa foi desenvolvida, assim como nos mostra Nóvoa (2000, p. 19), quando afirma que:

[...] apesar de todas as fragilidades e ambiguidades, é inegável que as histórias de vida têm dado origem a práticas e reflexões extremamente estimulantes

[...]. O movimento nasceu no universo pedagógico, numa amálgama de vontades de produzir um outro tipo de conhecimento, mais próximo das realidades educativas e do cotidiano dos professores.

A partir da aproximação com os sujeitos da pesquisa, trazendo ao centro da reflexão suas vivências e experiências é possível uma formação e transformação, em conjunto, dos conceitos e conhecimentos já existentes em novos saberes, que servirão de aporte para um movimento de renovação das ações dos indivíduos no seu contexto individual e coletivo.

Abaixo apresentamos alguns questionamentos feitos às docentes durante a pesquisa, sempre atuando junto aos sujeitos pesquisados de forma dialógica, participativa e reflexiva, trazendo-os ao centro das questões analisadas como protagonistas do processo, com o intuito de aquisição de dados e informações para o desenvolvimento do presente estudo:

- Quantos anos você tem de docência? E qual sua jornada de trabalho atualmente no ambiente escolar?
- Para você o exercício da profissão é considerado desgastante? Por quais motivos? Com qual frequência você precisava lidar com situações que extrapolam o ensino
- escolar? E quais são estas demandas nos dias de hoje?
- Você considera que na sua escola há uma rede de apoio para amenizar as dificuldades que podem vir a existir em sala de aula e que interferem no seu trabalho docente?
- Como o cotidiano escolar, através das vivências e atividades na sala de aula, interferem na saúde dos profissionais em educação?
- Em sua opinião quais as principais causas do adoecimento psíquico de professores da Educação Básica nas escolas públicas?
- Você considera que existem ações desenvolvidas pela escola, ou Secretaria Municipal de Educação para a prevenção e/ou amenização de doenças ocupacionais dos docentes?
- Para você a saúde do professor está atrelada a eficiência do ensino?

Os dados coletados serviram de aporte para análise e compreensão de fatores que influenciam de forma negativa, no ambiente escolar como um todo, intensificando o processo de adoecimento físico, psíquico e emocional dos docentes da Educação Básica.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através do presente estudo foi possível a análise mais pontual de fatores que interferem nas ações docentes em sala de aula de forma negativa e consequentemente na condição de saúde dos professores, levando-os a um desgaste físico, psicológico e emocional.

A partir das respostas dadas, pelas professoras participantes da presente pesquisa, aos instrumentos de coleta de dados da mesma, foi possível traçar um perfil destas docentes.

As dez professoras são efetivas da rede pública municipal da cidade de Barbalha, dentre as quais 04 (quatro) trabalham numa jornada de três expedientes e 06 (seis) em dois turnos. Já possuindo um tempo de experiência de 10 a 20 anos de carreira.

Ao trazermos aqui as indagações feitas às docentes com suas devidas respostas podemos não só analisar, mas também compreender mais a fundo os processos que ocorrem hoje nas salas de aula que influenciam e interferem nas ações docentes/pedagógicas que conduzem ao adoecimento do profissional da educação. E isto nos alerta para o desafio de se pensar sobre a saúde e o bem-estar deste mesmo profissional.

Ao serem indagadas se **consideram que o exercício da profissão docente é desgastante e por quais motivos**; as professoras afirmaram que sim e que os motivos vão desde a jornada de trabalho exaustiva com as demandas externas à sala de aula, que vão além da transmissão de conteúdos visando uma boa assimilação por parte dos educandos, com a preocupação com avaliações externas que na maioria das vezes não são adequadas aos níveis de aprendizagem de suas turmas; o trabalho de atendimento às famílias que na sua maioria não dão o aporte necessário à aprendizagem dos alunos; questões como indisciplina e precarização de materiais e ambientes escolares e o atendimento, ainda muito insuficiente, aos alunos com deficiência. As mesmas afirmam que tudo isso interfere no cotidiano da sala de aula, na aprendizagem dos alunos e nas questões de saúde dos educandos.

Corroborando com a fala das professoras trazemos aqui a contribuição de Freitas (2013), nos alertando que:

[...] o trabalho do professor, que passou a ter muito prestígio para a disseminação da modernidade, apresenta-se na contemporaneidade em processo de precarização, considerando a ampliação dos papéis para o exercício da profissão e a perda de valor social. Logo, ser docente no atual contexto histórico implica, por um lado, enfrentar as transformações ocorridas no mundo do trabalho e, por outro lado, dar conta da diversidade dos públicos que frequentam a escola, tendo em vista a expansão da escolarização no país [...]. A intensa pressão externa que os professores vivenciam – advinda das avaliações institucionais que criam rankings entre as escolas, juntamente com as exigências das famílias pela aprendizagem dos seus filhos, tudo isso aliado às péssimas condições para a realização da tarefa de ensinar – proporciona infortúnios para a saúde dos professores [...]. Faz-se necessário ressaltar a urgência em colocar em se evidência o contexto do trabalho docente e como este causa impacto à saúde dos professores, para que os gestores públicos responsáveis pela elaboração e execução de políticas públicas se sensibilizem para a emergência de cuidar dessa categoria profissional, o que poderá pôr em dúvida todas as políticas públicas que visem melhorar a qualidade da educação no Brasil. (Freitas, 2013, p. 39)

Diante disso Apple (2003), nos lembra que a educação é:

[...] é um espaço de luta e conciliação. Serve de representante e também de arena para batalhas maiores sobre o que nossas instituições devem fazer, a quem devem servir e quem deve tomar essas decisões. E, apesar disso, é por si mesma uma das maiores arenas em que os recursos, o poder e a ideologia específica à política, finanças, currículo, pedagogia e avaliação no ensino são debatidos. (Apple, 2003, p. 42).

Sabemos que as lutas e as batalhas no campo educacional estão presentes cotidianamente e muitas são pautas de grandes embates, em busca de melhorias pela e para a classe docente. Para complementar nosso pensamento trazemos também Brandão (2001), considerando que:

[...] a educação, como uma entre outras práticas sociais, cujo efeito sobre as pessoas, cria condições necessárias para a realização de transformações indispensáveis. Nada se faz entre os homens sem a consciência e o trabalho dos homens, e tudo que tem o poder

de alterar a qualidade da consciência e do trabalho, tem o poder de participar de sua práxis e de ser parte dela. (Brandão, 2001, p.82).

É necessário, pois entender a educação como prática social que forma e transforma sujeitos e através deles a sociedade como um todo. E para isso é preciso dar as devidas condições aos docentes para a uma atuação real e efetiva, visando a formação cognitiva e humana dos educandos com quem atuam.

Infelizmente o que vemos hoje em dia nas salas de aula, ou melhor, no ambiente escolar como um todo, é o professor acumulando novas e desafiadoras funções, em que muitas vezes ele não foi preparado em sua trajetória formativa. Sendo que muitas das vezes o mesmo não pode contar com o apoio dos demais sujeitos pertencentes ao processo de ensino e aprendizagem na escola. Isto tudo acarretando uma sobrecarga e sufocamento no tocante às suas atribuições.

Aguiar e Almeida (2011), reforçam o pensamento de que é urgente enxergar o adoecimento docente não apenas voltando-se ao aspecto biológico e individual, mas tendo um olhar cuidadoso às causas sociais e coletivas:

O sofrimento psíquico do professor não pode ser entendido como sendo um fenômeno somente de ordem biológica, mas, sobretudo, de ordem psíquica, subjetiva e relacional. O professor adoece em seu ambiente de trabalho e mescla sua história pessoal com acontecimentos da vida profissional ao vivenciar o exercício do magistério como lugar de sofrimento [...] O fenômeno adoecimento de professores merece um novo olhar, que dê um outro sentido, um novo significado, às manifestações de mal-estar que vêm insistentemente se apresentando no âmbito da escola. (AGUIAR; ALMEIDA, 2011, p. 15)

Ao serem questionadas se **consideram que na escola há uma rede de apoio para amenizar as dificuldades que podem vir a existir em sala de aula, que interferem no seu trabalho docente**; as mesmas afirmaram unanimemente que necessitam de um maior apoio no tocante à condução dos processos pedagógicos, desde o planejamento das ações a serem realizadas até a prática das mesmas em sala de aula, visando a aprendizagem dos estudantes. Assim como o apoio com relação às famílias, com uma maior orientação e acompanhamento dos processos de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. Mais uma vez Aguiar e Almeida (2011), nos alertam:

Os professores se veem afetados em sua atividade profissional por circunstâncias externas, sociais, tais como condições econômicas, políticas e culturais do país e das famílias de seus alunos. Muitas crianças chegam à escola sem a refeição do dia, sem tomar banho e totalmente descuidadas; muitas famílias não têm condições sequer de adquirir materiais básicos para a criança estudar, como lápis e caderno. Na maioria das vezes algumas dessas carências são supridas pela escola [...] as condições físicas da escola, como salas de aula superlotadas, pequenas, sem ventilação e sem manutenção, também prejudicam o desempenho da docência. As escolas públicas, em sua maioria, apresentam estrutura precária para atender com 53 qualidade aos alunos; em geral são verdadeiras “sucatas”, como referidas por alguns professores. (Aguiar; Almeida, 2011, p. 17-18)

Pensando assim, é extremamente urgente e necessário que os profissionais da educação como um todo, possam contar com uma rede de apoio melhor estruturada, que fortaleça as ações a serem realizadas no ambiente escolar, visando um atendimento especializado para as demandas que surgem da e na sala de aula, assim como do meio externo a ela.

Ao serem levantados os seguintes pontos junto às docentes participantes da pesquisa:

- Como o cotidiano escolar, através das vivências e atividades na sala de aula, interferem na saúde dos profissionais em educação?
- Em sua opinião quais as principais causas do adoecimento psíquico de professores da Educação Básica nas escolas públicas?

As mesmas afirmaram que muitos são os fatores que acarretam o adoecimento dos profissionais da educação, e que muitas vezes acabam levando os mesmos a solicitarem o afastamento ou a readaptação de função, devido a problemas de saúde. Na grande maioria dos casos essas questões são neutralizadas ou invisibilizadas pelo sistema educacional, ao passo que não visualizam nem analisam as questões que acarretam todos esses processos, dificultando ainda mais a atuação do sujeito educador.

Diante disso Codo (1999), que traz um retrato do que acontece com o sujeito professor diante da sociedade atual:

O professor investirá contra os pesados moinhos de vento de uma possivelmente absurda “realidade” do trabalho. Acreditará

ser um Todo-Poderoso, arremeterá contra os gigantes: violência, falta de recursos, ausência de participação, magros salários. Se ele não consegue é porque ele é um mau professor. Ninguém ousará assinalar o investimento emocional, afetivo e cognitivo que ele realizou para ser percebido e se autoperceber como um bom professor. [...] Os jornais só falam do descaso da educação pública, do rendimento ruim dos alunos nas avaliações realizadas pelo MEC, do vergonhoso lugar que os alunos brasileiros das escolas públicas alcançam nos rankings de comparações internacionais de rendimento dos educandos. Ora, o professor está sendo constantemente atingido em sua imagem pública, tudo isso que parece questionar sua competência fere profundamente sua identidade. Será que já paramos para pensar nisto? (Codo, 1999, p. 82-83)

Infelizmente isso é o que costuma acontecer com o trabalhador da educação. Acarretando consequências danosas que agravam as condições de saúde física, psíquica e emocional do mesmo.

As docentes, sujeitos da presente pesquisa, foram questionadas ainda sobre se consideram que existem ações desenvolvidas pela escola, ou Secretaria Municipal de Educação para a prevenção e/ou amenização de doenças ocupacionais dos docentes. E se a saúde do professor está atrelada a eficiência do ensino.

Elas trouxeram como respostas, potentes desabaços, que indicaram na sua maioria que infelizmente das instâncias responsáveis pelos processos de acompanhamento docente e pedagógico, bem como formativo, mínimas são as falas e as ações a respeito desta problemática. E sim, elas afirmaram que o bem-estar ou a falta dele aos docentes interfere nas condições de trabalho e consequentemente no processo de ensino e aprendizagem. Diante da fala das professoras Benedetti e Marco (2016), trazem a seguinte contribuição:

Na prática, apenas uma qualidade é valorizada nos professores: ser “casca grossa”, de maneira que nunca ou pouco adoença, que nunca ou pouco se abale com o cotidiano das salas de aula, que nunca ou pouco se ausente. E é muito desejável também que, uma vez em aula, o professor seja capaz de “segurar sua classe”, dando menos possível de trabalho para os demais profissionais da escola e Secretarias Municipais de Educação [...] Muitas vezes os professores que desejam fazer um bom trabalho incomodam muito mais do que aqueles que simplesmente se resignaram ao papel de tomar conta das classes, ao invés de dar boas aulas. Cria-se, então, uma reação em cadeia em que todo mundo finge

que trabalha com um sorriso no rosto, mas cumpre apenas o estritamente necessário da burocracia para “inglês ver”: planilhas, relatórios e fichas preenchidas e preenchidas com dados vazios, que não têm nenhuma representatividade em relação à qualidade da educação da unidade escolar. Quem aponta problemas, faz questionamentos e cobranças, é visto como aquele que gosta de polemizar, de criar caso, de ser pessimista. Em ambientes assim, os professores realmente “encantados” se exaurem. (Benedetti; Marco, 2016, p. 70-71)

As falas trazidas pelas professoras merecem muita atenção, pois são repletas de alertas e denúncias a respeito de uma questão que não deve ser esquecida, perdida ou negligenciada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise apresentada revela uma realidade preocupante sobre as condições de trabalho dos professores da rede pública de Barbalha, evidenciando o impacto negativo que fatores estruturais e sociais têm na saúde física, psicológica e emocional desses profissionais. As respostas coletadas ressaltam a sobrecarga imposta pela jornada de trabalho exaustiva, a falta de apoio institucional e a precarização das condições educativas. Como mencionado, a função docente se tornou cada vez mais complexa e desafiadora, exigindo um reconhecimento urgente de suas necessidades e um suporte efetivo.

A partir das reflexões fica evidente que o adoecimento dos docentes não pode ser visto apenas como um fenômeno individual, mas sim como resultado de um contexto mais amplo, em que questões sociais e políticas influenciam diretamente a prática educativa. Portanto, é essencial a criação de políticas que atentem para a urgência de criar condições adequadas de trabalho, promovendo uma rede de apoio que valorize o papel do educador e propicie um ambiente saudável e produtivo, ou seja, vise o desenvolvimento profissional docente efetivamente.

As vozes das professoras não podem ser ignoradas; elas denunciam um sistema que muitas vezes negligencia o bem-estar dos seus profissionais.

Os dados coletados apresentaram a necessidade de um aprofundamento nesta temática do estudo em questão, buscando através das discussões levantadas, meios pelos quais os docentes possam ter vez e voz para apresentarem todas as suas vivências e experiências, como pontos e contrapontos referentes

às demandas existentes em sala de aula e na escola como um todo, que levam a possíveis fatores adoecedores desses profissionais da educação nos dias de hoje, assim como formas de parcerias que amenizem esses elementos pontuados como negativos e críticos para o universo educativo.

Muitas são as demandas existentes no ambiente educacional que intensificam as condições adoecedoras dos profissionais da educação e o presente trabalho vem fazer um alerta a esta questão tão urgente com o intuito de abrir caminhos a outras tantas pesquisas que aprofundem e deem ainda mais visibilidade ao desafio de se pensar sobre a saúde e o bem-estar dos sujeitos profissionais da educação, tendo isso em mente como elementos necessários a um processo de ensino e aprendizagem realmente humanizado e eficaz.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Rosa Márcia R; ALMEIDA, Sandra F. Conte de. **Mal-estar na educação: O sofrimento psíquico de professores.** Curitiba. Juruá. 2011.

APPLE, Michel W. **Educando à Direita.** São Paulo: Cortez, 2003.

BENEDETTI, Kátia Simone; MARCO, Íria de. **Eu, professora e Burnout: como o sistema público de ensino adocece professores dedicados e prejudica alunos interessados.** Curitiba: Juruá, 2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 2001.

CODO, Wanderley (Coord). **Educação: Carinho e Trabalho – Burnout, a síndrome da desistência do educador, que poderá levar à falência da educação.** 2ª ed. CNTE. Petrópolis. Rio de Janeiro. Vozes. 1999.

CHARLOT, Bernard. **O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição.** In: Revista da FAEEBA- Educação e Contemporaneidade, Salvador, v.17, nº 30, p.17-31, jul./dez. 2008.

FREITAS, Lêda Gonçalves de. (Coord). **Prazer e sofrimento no trabalho docente.** Curitiba. Juruá. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14ª edição. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

NÓVOA, Antônio (Org.). **Vidas de professores.** 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000.

NÓVOA, Antônio. **Professores, imagens do futuro presente**. Lisboa. EDUCA, 2009.

POPE, Catherine; MAYS, Nicholas. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde**. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2005.

PORTA, M. A.G. **A Filosofia a partir de seus problemas**: didática e metodologia do estudo filosófico. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

SAVIANI, D. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 3 ed. rev. Campinas – SP: Autores Associados, 2011. - (Coleção Memória da Educação).

SILVA, Carlos Daniel da. **Educação Brasileira: As contradições deste processo histórico da colonização à república**. In: EDUCERE – XII Congresso Nacional de Educação, 2015.

SOARES, Magda Becker; MACIEL, Francisca P. **Alfabetização**. Brasília-DF: MEC/Inep/Comped, 2000.

UNESCO. Brasil. **Liberdade para ensinar, empoderar os professores** - Dia Mundial dos Professores (Mensagem dos dirigentes da UNESCO, da OIT, do UNICEF, do PNUD e da Education International, por ocasião do Dia Mundial dos Professores, 5 de outubro de 2017).